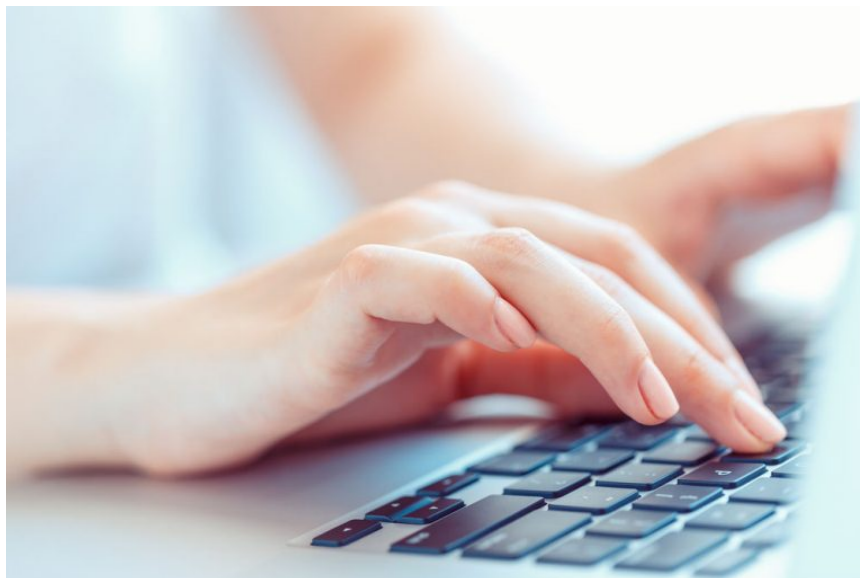


# Diferentes na biologia sim. Inferiores não, dizem mulheres na tecnologia

[delas.pt/diferentes-na-biologia-sim-inferiores-nao-dizem-mulheres-na-tecnologia](https://delas.pt/diferentes-na-biologia-sim-inferiores-nao-dizem-mulheres-na-tecnologia)

11 de agosto de 2017

Atualidade



Os comentários de um funcionário da Google sobre a capacidade e apetência das mulheres para as tecnologias marcaram a semana, no que toca às questões da igualdade de género. Falámos com um coletivo de mulheres desta área para perceber se as diferenças apontadas pelo engenheiro de *software*, entretanto despedido, têm algum tipo de fundamento. “Concordamos evidentemente que haja diferenças biológicas entre o homem e a mulher. O reconhecimento e aceitação dessas mesmas diferenças não podem, no entanto, ser interpretados como a aceitação de que as mulheres têm uma condição inferior”, dizem ao **Delas.pt**, Carolina Frias, Isabel Lafaia, Elizabeth Cruz e Sara Antunes, os membros das R-Ladies Lisboa. Esta comunidade internacional foi fundada em São Francisco, EUA, no ano de 2012, pela brasileira, especialista em estatística, Gabriela de Queiroz. Atualmente, a comunidade está representada em mais de 45 cidades no mundo. A Portugal chegou no final de 2016. O objetivo é promover a entrada de mais mulheres nas áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática. O “R” refere-se a uma linguagem de programação *open source*, que, no mesmo espírito de comunidade, pretende promover um espírito de entajuda entre os seus utilizadores, referem na entrevista.

## O que é a R-Ladies?

As R-Ladies são uma organização mundial que promove a diversidade de género na comunidade R e nas áreas STEM (Science, Technology, Engineering and Mathematics – em português, Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). R é uma linguagem de programação muito utilizada na análise de dados. Existem já mais de 45 grupos R-Ladies distribuídos por 5 continentes.

## Que tipo de atividades organiza?

Cada grupo R-Ladies de uma determinada cidade é único e personaliza os seus eventos, desde que estejam de acordo com a política global. No caso das R-Ladies Lisboa, costumamos organizar workshops orientados para a aprendizagem da linguagem de programação R e seus componentes, de forma a facilitar a entrada de muitos membros da nossa comunidade no mundo do Data Science. Costumamos também convidar oradores com experiência na área de Análise de Dados para partilharem a sua história e os seus conhecimentos.



A R-Ladies Lisboa foi fundada em outubro de 2016

## Como chegou a Portugal, a Lisboa?

A iniciativa surgiu como um desafio de um *data scientist* [cientista de dados] com experiência na área e que partilha de alguma da filosofia desta comunidade global. Os membros fundadores são duas mulheres [Carolina Frias e Andreia Carlos] e cujo background não é a ciência de dados, mas que se foram apaixonando pela área no início das suas carreiras profissionais.

**Um dos objetivos é promover o papel da mulher na comunidade? Que comunidade, em concreto?**

Sim, esse é um dos nossos objetivos. Este grupo está ligado a uma linguagem de programação *open source*, que também promove um espírito de comunidade e entretida entre os seus utilizadores. A linguagem em questão chama-se “R” e surgiu como uma ferramenta da análise estatística.

**Ao mesmo tempo o R-Ladies é aberto a todos. Porquê?**

Apesar de incentivarmos fortemente a participação das “Ladies”, temos também todo o gosto em termos membros “Gentlemen”. Não queremos ser uma comunidade totalmente feminina, mas sim mista, onde homens e mulheres colaboram entre si com igualdade. Não podemos defender a igualdade de oportunidade e ao mesmo tempo excluir da nossa comunidade alguém com base no seu género. A mensagem que queremos passar tem de ser transmitida entre as mulheres, mas também entre os homens.

**Quantos membros tem a comunidade em Lisboa?**

Atualmente somos 256 membros na comunidade R-Ladies Lisboa.

**Fala-se muito da pouca representatividade das mulheres nas empresas de tecnologia. Qual é o cenário atual e que progressos registam até à data?**

Nos últimos anos a participação das mulheres portuguesas na tecnologia tem registado evidentes aumentos. Há cada vez mais mulheres a ocupar cargos técnicos nas empresas, no entanto, ainda estão em minoria. Mas tem havido progressos, sem dúvida, seja na criação de comunidades e grupos que incentivam a participação das mulheres nas áreas STEM, seja a nível do reconhecimento do impacto das mulheres nessas áreas através de prémios e apoios.

**Qual é a sua opinião em relação às declarações que o funcionário da Google fez sobre as mulheres nas empresas tecnológicas?**

Tenho a dizer que concordamos evidentemente que haja diferenças biológicas entre o homem e a mulher. O reconhecimento e aceitação dessas mesmas diferenças não podem, no entanto, ser interpretados como a aceitação de que as mulheres têm uma condição inferior. Somos apenas diferentes, nada mais. Direitos e deveres todos temos, e a nossa comunidade pretende que a lista dos mesmos não seja distinta para homens e mulheres. O salário tem de ser baseado na competência e não no género, as licenças de paternidade devem ser concedidas aos dois pais (e não apenas à mãe), e por aí fora. Para além de defendermos esta igualdade de tratamento, queremos sobretudo incentivar as mulheres a seguirem os seus sonhos e a não desistirem de ingressar num curso ou profissão por ser uma “área de homens” – estes dogmas não podem nem devem existir.

**O que deve ser feito para rebater os preconceitos e aumentar a taxa de participação feminina nesta área?**

Penso que a mudança deve ocorrer desde o jardim-de-infância, onde há já uma predefinição do que são brinquedos para raparigas e o que são brinquedos para rapazes. Enquanto as raparigas brincam com bonecas, os rapazes brincam com carros telecomandados, legos, *robots* e jogos de computador/console, o que lhes permite estar mais perto da tecnologia e do pensamento analítico desde pequenos, levando-os a interessarem-se mais e desde muito cedo por áreas mais ligadas à tecnologia e engenharia. É importante que se perceba que as crianças não têm ainda determinadas “formatações” do seu cérebro, não devemos, por isso, limitá-las nas suas escolhas na hora de brincar, comer ou nas suas relações. Acreditamos que a partir do momento em que, desde muito cedo, não se dá igual oportunidade de escolha, estamos a limitar o seu desenvolvimento e escolhas futuros.